



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

CULTURAS, SABERES E RESISTÊNCIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE OITERO PENEDO/AL

Valéria Campos Cavalcante¹; Janayna Souza²; Marcos Paulo de Oliveira Sobral³; Lucyana Sobral de Souza⁴; Alexandre de Souza Barbosa⁵

1. Universidade Federal de Alagoas/Unidade Educacional Penedo (valeria.cavalcante@penedo.ufal.br); 2. Universidade Federal de Alagoas/Unidade Educacional Penedo (souzajanaynapaula@gmail.com); 3. Universidade Federal de Alagoas/Unidade Educacional Penedo (socramsobral@gmail.com); 4. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (lucyanass2014@gmail.com); 5. Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Vital do Rêgo (asouzabarbosa@bol.com.br).

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as “artes de fazer” das mulheres quilombolas envolvidas na pesquisa “Contos, Causos e Histórias do Quilombo do Oitero”. Essas mulheres são idosas, que em sua grande maioria participam de danças e manifestações culturais da comunidade. São pessoas que detêm na memória toda a história e cultura local, uma vez que não há registro escrito sobre esses aspectos na comunidade. Utilizamos uma metodologia qualitativa de base interpretativa. Para coleta de dados recorreremos aos Círculos de Cultura e Tradição. Entendemos a relevância dessas mulheres na comunidade, pela utilização de táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas, auxiliando no resgate da identidade através dos seus costumes, crenças e culturas, sobretudo para os jovens da comunidade. Encontrar sentidos nas “artes de fazer” dessas mulheres quilombolas nos permitiu, no percurso da pesquisa considerar a legitimidade dos saberes e valores que permeiam as práticas subterrâneas na comunidade investigada, suas estratégias e táticas próprias de resistências. Percebemos que as idosas quilombolas do Oitero trazem toda sua ancestralidade no seu falar, cantar e dançar. Essas mulheres, mesmo que de maneira inconsciente usam a tradição oral para dar continuidade as histórias do quilombo do Oitero e, conseqüentemente, preservam sua cultura.

Palavras-chave: Mulheres Quilombolas; Resistências; Cultura.

Primeiras Palavras

Esse texto surge a partir da criação do Grupo de Pesquisa Educação, Currículos e Diversidades e da nossa inserção na pesquisa “Contos, Causos e Histórias do Oitero”. Essa pesquisa busca o caminho metodológico de uma pesquisa qualitativa interpretativa, baseada nas narrativas de mulheres idosas da comunidade.

As falas foram coletadas através da implementação de Círculos de Cultura e Tradição (FREIRE, 1996) com essas moradoras idosas da Comunidade, com intuito

de ouvir e registrar as narrativas dos idosas da comunidade, sobre suas atividades culturais e o resgate e fortalecimento da identidade de comunidade Quilombola, no tocante a seus costumes, crenças e culturas.

Inicialmente, para entendermos a visão das idosas, recorreremos aos Círculos de Cultura, uma vez que essa postura se deve ao fato de preferirmos uma atmosfera na qual o participante não se sinta pressionado ao falar de sua realidade, responder aos questionamentos levantados, possibilitando, assim, um diálogo no qual o sujeito se coloque de forma espontânea.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nesses Círculos de Cultura, fizemos o registro audiovisual durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Consideramos, sobretudo, as narrativas das envolvidas com/na pesquisa. Essas narrativas carregam o peso da legitimidade de todo processo, uma vez que os narradores trabalham na primeira pessoa, falam de si, de suas emoções, dos seus erros, das suas preferências, são detalhadas experiências vivenciadas pelo narrador (CERTEAU, 2008).

Diante da dimensão desta pesquisa, trazemos aqui um recorte, mais especificamente, apresentaremos os saberes-fazer e resistências das mulheres idosas da comunidade do Oitero que participaram do projeto nos contando suas histórias.

Estrategicamente, traremos neste artigo três pontos que julgamos fundamentais para essa discussão, sendo eles: I. Re/visitando histórias do Quilombo do Oitero; II. Mulheres Quilombolas – memórias de suas vidas; e, III. As vozes das idosas quilombolas do Oitero – Cultura e resistências.

1. Re/visitando histórias do Quilombo do Oitero

Os quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil em resistência ao sistema colonial-

escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação política ideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil.

A palavra “quilombo” tem origem africana e vem dos termos “kilombo” ou “ochilombo”. Segundo Nascimento (1980), no Brasil é definido como:

[...] um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização socioeconômicas, política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural (NASCIMENTO, 1980, p. 32).

Esses núcleos de resistência têm continuidade no Brasil e reafirmam suas: tradições, valores, costumes, mitologias, rituais, formas organizativas, organização familiar, experiência de socialização. Em Penedo, encontramos duas comunidades que possuem reconhecimento de seu território: Tabuleiro dos Negros e Oitero (foco de nossa investigação).

Reconhecendo toda essa resistência dos povos negros, e ainda reforçando o compromisso social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/Unidade Educacional



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Penedo), acreditamos ser de extrema importância ouvirmos as comunidades quilombolas no entorno da instituição, uma vez que há uma grande incidência de estudantes dessas comunidades no espaço universitário.

Entendendo que a memória do povo negro precisa ser escrita, estudada e revelada, para que as novas gerações quilombolas conheçam, respeitem e valorizem suas tradições. Todos esses aspectos serão importantes para a formação de identidade individual e/ou coletiva dos moradores da comunidade.

Entendemos que esse fenômeno é interativo, construído e reconstruído no interior dos símbolos e das representações de cada nação. Os discursos são formulados e ganham sentido quando estão presentes nas histórias pessoais e coletivas, bem como na memória, relacionando passado e presente, além das representações produzidas e através das quais as pessoas se identificam e formam identidades (HALL, 2006).

De acordo com Nilma Lino Gomes (2005):

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p.41).

Considera-se, portanto, que o processo identitário não deve ser conceituada apenas a partir dos aspectos culturais. Os povos inseridos na sociedade podem modificar o seu modo de vida. Nesse sentido, tende a alterar a sua própria identidade.

Obviamente, que a concretização de uma identidade se constitui mediante aos interesses sociais, mas não se limita. “A identidade, não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade” (GOMES, 2005, p.41).

Considerando as discussões sobre identidades, a comunidade quilombola do Oitero/Penedo tem seu perfil histórico similar a tantas outras comunidades remanescentes quilombolas, que diante da ausência de discussões referente a identidade quilombola, percebe-se haver entre muitos moradores, sobretudo, entre os jovens: o desconhecimento sobre a história e a cultura do quilombo.

No tocante aos aspectos socioeconômicos, a comunidade do Oitero é um quilombo urbano composto, em sua grande maioria, por famílias nucleares (morando juntos pais e filhos), porém existem outras famílias em que vivem juntos os avós, os genros, noras, netos. Destaca-se ainda o grande grau de parentesco entre a maioria dos moradores da comunidade.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

As famílias da comunidade são na sua grande maioria de baixa renda e muitas sobrevivendo através da agricultura e são beneficiárias do programa do Governo Federal “Bolsa Família”, como complemento salarial (este condicionado à frequência escolar). Muitos jovens e chefes de família migram em busca de trabalho nos grandes centros urbanos, ficando responsáveis pela manutenção do lar as mulheres e os avós aposentados.

Assim, a informalidade representa o sustentáculo de muitas famílias da comunidade. Baseada em Tavares (2004), observamos que a comunidade, em grande parte são trabalhadores informais produtivos e improdutivos. Os produtivos são aqueles que trabalham com prestação de serviços e contratação temporária, como por exemplo, os prestadores de serviços e os autônomos. Os informais improdutivos são aqueles que desenvolvem atividades que outras pessoas consomem como “valor de uso”, são eles: empregados/as domésticas e serviços gerais autônomos.

Existe, da mesma forma, na comunidade, jovens e adultos que acabam se ocupando em sub-empregos, todos com relações não-contratuais muitas vezes de base familiar. Desta forma, em Alagoas, segue-se uma perspectiva que tem sido fortemente ampliada no Brasil, sobre a flexibilidade da

remuneração do trabalho, como afirma Tavares (2004):

[...] a força da economia informal nos tempos de crise residiria nos laços pessoais, e não nos salariais, que unissem o pequeno patrão e sua mão-de-obra essencialmente familiar. Em uma empresa formalizada, em situação de crise, o patrão não pode reduzir o salário abaixo do mínimo. [...] Isso não vai acontecer na empresa informal: o pequeno patrão não vai demitir sua esposa, seu filho, seu sobrinho quando o volume de negócios diminuírem, a empresa pedirá falência. Cada um vai apertar o cinto esperando por dias melhores; vale mais ter uma renda *per capita* inferior ao salário mínimo do que nenhuma renda (TAVARES, 2004, p. 49).

Como se pode ver, essa prática de trabalho domiciliar é defendida pelo discurso dominante ressaltando o seu caráter autônomo, tentando obscurecer a precarização do trabalho e a sua exploração brutal, escravizando homens, mulheres, jovens e crianças que acabam sendo impedidos de estudar para lutarem por sua sobrevivência. Em geral, a comunidade encontra-se desamparada em relação à conservação e investimento do poder público, sendo esse um dos fatores que contribui para os problemas de saneamento básico, reduzido número de ônibus, além da coleta deficiente de lixo.

Como podemos observar, a comunidade permanece, há décadas, sem investimento em todos os aspectos: só há um posto de saúde, para atender a toda comunidade; faltam espaços culturais e de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

lazer. Outro fator agravado pelo descaso dos governantes na comunidade diz respeito à falta de segurança pública, havendo registro de altos índices de violência, como furtos, assaltos, roubos, arrombamentos, porte e consumo de drogas, homicídios, porte ilegal de armas, desordem, entre outros.

Na comunidade quilombola do Oiteiro existem três religiões predominantes: o catolicismo, o candomblé e o evangelismo. Embora o catolicismo seja predominante, o candomblé, também é praticado, mesmo que de maneira marginal, uma vez que o candomblé ainda é mal visto pela sociedade penedense, pois alguns moradores considera um desrespeito a Deus por suas oferendas aos orixás.

2. Mulheres Quilombolas – memórias de suas vidas

Estarmos inseridos nos cotidianos da comunidade quilombola nos permitiu capturar as táticas, os saberes-fazer das mulheres quilombolas, compreendendo a comunidade como um espaço-tempo privilegiado da pesquisa, pois nele desenvolve-se, cotidianamente,

[...] caminhos que possibilitem compreender a existência cotidiana sem exigir a renúncia diante do que ela nos oferece, mas, ao contrário, reconsiderar a necessidade de um retorno à existência e à linguagem de todo o dia, buscando

reavivar o contato com aquilo que, na vida comum, irrigado pelo fluxo de conversações e narrativas, passa despercebido de tão evidente, ou então só se deixa ver na remissão incessante de um texto ao outro, de uma narrativa à outra (FERRAÇO; CARVALHO, 2012, p. 13).

Sendo assim, nesse trabalho apresentamos as narrativas das mulheres idosas quilombolas do quilombo do Oiteiro Penedo/Alagoas. Escolhemos essas mulheres porque entendemos a relevância de suas presenças como possibilidade de resistência e de se preservar a cultura na comunidade. Compreendemos também, que essas mulheres resistem ao silenciamento expondo seus saberes através dos seus cantares, danças e histórias contadas.

Sobre as narrativas Certeau (2008), afirma que:

A narrativa tem ali função necessária. [...]. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um 'saber-dizer' exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber, mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria (CERTEAU, 2008, p.152-153).

A construção de um conhecimento na Universidade a serviço de uma nova realidade é um novo estar na comunidade, um novo olhar mais justo, que procura contribuir concretamente, atuando, buscando humanizar pela simetriação das relações socioculturais e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

econômicas presentes na comunidade, dignificando todos que o fazem, pois,

[...] é próprio dos homens estar, como consciência de si e do mundo, em relação de enfrentamento com sua realidade em que, historicamente, se dão as 'situações limites'. E este enfrentamento com a realidade para a superação dos obstáculos só pode ser feito historicamente, como historicamente se objetivam as situações-limites (FREIRE, 1996, p. 91).

Isso nos fez/faz acreditar que não se pode mais aceitar que nos cotidianos das comunidades quilombolas prevaleça a valorização do conhecimento formal em detrimento dos conhecimentos tradicionais dos próprios moradores. Baseando-nos na ecologia de saberes (SANTOS, 2002), compreendemos que os diferentes conhecimentos são válidos em virtude de sua aplicabilidade social circunstancial e não, aprioristicamente, em virtude de sua cientificidade.

Inicialmente, gostaríamos de afirmar que entendemos cultura como Rodrigues (2006, p. 18), quando afirma que “a cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social”. Ao refletir sobre o que é viver em sociedade e produzir cultura, nos depararemos com um sistema de dominação de uma lógica simbólica em que os indivíduos se comportam de acordo com ela e muitas vezes sem se dar conta disso (RODRIGUES, 2006).

Assim, a cultura nos torna o que somos ao crescermos no ambiente em que vivemos. É

uma forma peculiar de cada povo para determinar cada diferença em relação aos costumes e sua identidade cultural.

Compreendemos, portanto, que o processo cultural da comunidade do Oitero provém, sobretudo, de um amplo campo de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos da comunidade com a sociedade penedense, uma vez que acreditamos que é através da cultura, que homens e mulheres criam as regras, possibilitando, a comunicação entre os sujeitos e os grupos que estão inseridos. Assim, eles se inserem ao meio podendo modificá-lo.

Podemos afirmar que, para além do quilombo, a vida coletiva dos quilombolas do Oitero lhes permitiu vivenciar várias relações culturais com as pessoas de Penedo e dos grupos sociais diversos que habitam a cidade, conforme afirma Rodrigues (2006):

[...] o fato é que, uma vez constituídos, os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, certa homogeneidade [...] (RODRIGUES, 2006, p. 19).

Observa-se que no Oitero, há muitas idosas que estão inseridas em uma realidade concreta específica, com diferentes anseios e expectativas culturais. Essas pessoas são detentoras de muitas histórias vivenciadas pela comunidade, no entanto, essas histórias não



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

estão registradas, assim, permanecem em suas memórias.

No caso específico deste grupo social, podemos observar que essas mulheres lutam para manter as tradições dos antepassados vivas no presente, sendo repassadas para as novas gerações. Nesse contexto, muitas idosas da comunidade estão inseridas em movimentos culturais através da dança. Dentre essas danças na comunidade podemos citar a baianada, o coco de roda, o pastoril e a dança da peneira.

Considerando a necessidade de que se resgate a identidade dos quilombolas da comunidade do Oitero, compreende-se a necessidade de ouvir essas mulheres, e para tanto implementamos círculos de cultura para ouvir e debater com as idosas da comunidade aspectos referentes às origens dessa comunidade, cultura e tradição, conforme anunciamos anteriormente.

O objetivo desses Círculos de Cultura é dar visibilidade à transformação das dimensões concretas da realidade, numa busca engajada do historicamente possível “ou daquilo que impossível tornamos possível em determinado momento histórico” (FREIRE, 2001, p. 232).

O diálogo foi assumido como chamamento a favor da valorização da palavra, e da escuta dos participantes do processo e, ainda, como estimulador da ação pelas palavras que, ampliadas pela criticidade

dialética e dialógica, tornam-se palavra-ação, atividade humana de significação e transformação do mundo. Nesse sentido, o diálogo como palavra-ação além de fazer a crítica em forma de discurso se compromete concretamente com aquilo que denuncia e/ou anuncia.

Esses encontros serviram para o exercício consciente da cidadania, num processo formativo que configura-se como atividade humana desenvolvida de forma intencional e diretiva por sujeitos mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2001), em um determinado contexto social, ou seja momentos de conscientização que podem contribuir para “a tomada de uma autêntica ‘consciência de classe’ por parte dos oprimidos” (FREIRE, 2001, p. 164).

Essa escuta deu-se por meio de narrativas de múltiplas vozes que ecoaram num discurso, seja nas sessões de conversas com os idosos/as, seja no cotidiano vivenciado nas comunidade onde os sentidos foram se construindo e se recriando e os sujeitos teceram “[...] seus conhecimentos de todos os tipos, buscando discutir, assim, o que poderíamos chamar o fazer curricular cotidiano [...]” (ALVES, 2002, p.17). Foram momentos que nos,

[...] fizeram compreender que: [...] narrar histórias é, pois, uma forte experiência humana, ampla tanto no tempo quanto no espaço, pois era assim que os antigos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contavam a sua História, e esta forma narrativa pode ser encontrada em todos os lugares deste planeta, até hoje. Ela é também muito funcional nos espaçostempos culturais cotidianos, nos quais ‘conta’ – no sentido de ter importância – tanto a oralidade como a memória oral. Nesses espaçostempos cotidianos, a cultura narrada tem grande importância por garantir formas, de certa maneira, duradoras aos conhecimentos, por poderem ser repetidas e recriadas (ALVES, 2002, p.18).

Para compreender a visão das idosas quilombolas que participaram desta pesquisa foi importante escutá-las. Não simplesmente para decodificar as suas mensagens, mas para compreender os sentidos que foram produzidos em condições determinadas e o que esses sentidos têm a ver com o que é/foi vivido pelos sujeitos, suas experiências, suas histórias de vida.

Esse posicionamento, em relação à reconstrução da história por meio das vozes silenciadas, advém de pressuposto de que os fatos que não foram registrados pelos documentos oficiais têm, na história oral, a oportunidade de serem contados por meio de moradores e moradoras da comunidade do Oitero/Penedo.

Nesta trajetória não deixamos de reconhecer a importância da valorização da memória coletiva, como destaca Certeau (2008), ao dizer que:

A memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza

relativamente ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro (CERTEAU, 2008, p. 150).

Reafirmamos, assim, que a identidade negra é fortalecida, principalmente, pela tradição oral, visto que essa forma de preservação do conhecimento histórico é muito presente nas comunidades africanas, permitindo também, que as mulheres negras reivindicassem seus direitos nas esferas públicas e acadêmicas. Concordando com Vansina, (1982, p. 97) entendemos que: [“...] A tradição oral é a escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos, ou seja, a troca de saberes e experiência, quando é possível o diálogo, com as ações e significados”.

Diante das dificuldades de reunir em grupo de idosas pelas distâncias de suas moradias e/ou pelas dificuldades de locomoção de alguns, temos consciência que de alguma maneira podemos ter perdido a possibilidade de confrontar as memórias dos sujeitos. De qualquer forma, reconhecemos a importância de se coletar as falas dessas mulheres, pois acreditamos que são possuidoras de culturas e histórias riquíssimas que podem e devem ser repassadas para as futuras gerações.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

3. As vozes das idosas quilombolas do Oitero – Cultura e resistências

Diante de nosso mergulho na comunidade do Oitero, pudemos perceber que a cultura de origem afro-brasileira é forte e permanece na comunidade superando obstáculos através das gerações, como proibições passadas relacionadas à dança. Hoje as danças e músicas específicas dos moradores mais velhos permanecem presente de maneira fortalecida na comunidade.

Encontrar sentidos nas “artes de fazer” dos idosos do Oitero exigiu considerar a legitimidade dos saberes e valores que permeiam suas práticas da comunidade quilombola, suas estratégias e táticas próprias, em busca da compreensão dos usos que fazem de seu desenvolvimento (CERTEAU, 2008, p. 142). Consideramos que toda atividade humana é cultura, mas ela não o é, necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal.

Nesse sentido, as idosas reconhecem a importância de compartilhar seus conhecimentos sobre tradições para os jovens da comunidade, conforme elas mesmas explicitam:

Eu acho muito importante, já fizemos até um coco de roda com as crianças, as mães estão muito felizes com a participação, eles estão sabendo direitinho marcar os passos, eu também comecei bem pequena a dançar, meu pai que me levou, (M, S.C.

FALA COLETADA NO CIRCULO DE CULTURA, 2017).

Percebemos que as idosas quilombolas do Oitero ensinando as danças para as crianças da comunidade estão trazendo à tona toda a sua ancestralidade. Assim, essas mulheres, mesmo que de maneira inconsciente, usam a dança para dar continuidade à história do quilombo do Oitero e, conseqüentemente, buscam preservar sua cultura.

Nesse percurso, as mulheres idosas quilombolas do Oitero compartilham seu legado cultural para nova geração. Através da dança do coco de roda, por exemplo, as idosas não deixam morrer essa cultura afrodescendente, como expõem no trecho abaixo:

Eu acho muito importante que essas crianças e jovens conheçam nossas danças e nossas histórias, porque tudo isso foi nossos pais que nos ensinaram, aí nós temos também a obrigação de passar a diante, se nós não ensinarmos eles vão acabar esquecendo, na verdade muitos já esqueceram (L,J,F. FALA COLETADA NO CIRCULO DE CULTURA, 2017).

Neste contexto, toda comunidade reconhece a relevância dessas idosas como transmissoras de conhecimentos tradicionais para as novas gerações, conforme exposto:

Essas mulheres mais velhas são muito importante para agente, até por que tem muitas músicas e danças que só elas sabem, porque já aprenderam com nossos avós, eu mesma gosto muito que minhas filhas participem dessas danças (C,P,V. FALA COLETADA NO CIRCULO DE CULTURA, 2017).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

E é neste sentido, que a comunidade do Oitero é entendida, por nós como um dos *lôcus* de aprendizagens, lugar de avanços nas possibilidades. Não tentamos, portanto, classificá-los e subjugar-los a tempos, situações socioeconômicas, ou a um espaçotempo futuro e mitificado, idealizado,

Esta é a razão pela qual ao perceber um fato concreto da realidade sem que o ‘admirar’, em termos críticos, para poder ‘mirá-lo’ de dentro, perplexo frente à aparência do mistério, inseguro de si, o homem se torna mágico. Impossibilitado de captar o desafio em suas relações autênticas com outros fatos, atônito ante o desafio, sua tendência, compreensível, é buscar, além das relações verdadeiras, a razão explicativa para o dado percebido. Isto se dá, não apenas com relação ao mundo natural, mas também quanto ao mundo histórico-social (FREIRE, 1996, p. 29).

Neste contexto, podemos afirmar que ao ensinar, aprender e praticar a dança com os jovens está representando uma forma de resistência cultural na comunidade do Oitero. Conforme algumas idosas nos reafirmaram através de suas narrativas:

Eu comecei aqui a dança com as crianças porque eu percebi que ninguém dançava mais aqui na comunidade, os jovens estavam com vergonha de dançar, não queriam mais participar das nossas festas, aí nós se reuniu e conversou, principalmente os mais velhos, aí eu e minhas amigas resolvemos ensinar, (R,M,C. FALA COLETADA NO CIRCULO DE CULTURA, 2017).

Eu sei dançar porque meu pai e minha mãe me ensinou, desde pequena, aí agora eu entendi que é importante apresentar nossa cultura para as crianças, nossa cultura de preto, eu mesmo acho muito

importante. Minha neta dança. Eu mesma faço a roupa. (L,J,F. FALA COLETADA NO CIRCULO DE CULTURA, 2017).

Considerando as manifestações culturais na comunidade, ressaltamos a relevância deste trabalho realizado por essas mulheres idosas que resistem e passam seu legado cultural para os mais jovens, lhes ensinando as danças e cantos tradicionais da comunidade. Nesse sentido, os conhecimentos dos sujeitos que antes eram silenciados, invisibilizados, aos poucos vai surgindo, ocupando o *status* de igualdade com o conhecimento científico,

Em todas as etapas da decodificação, estará os homens exteriorizando sua visão de mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinâmico ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 1996, p. 115).

Assim, compreendemos a importância dessas mulheres na comunidade, que utilizam táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas para a juventude. Concebemos as táticas na concepção de Certeau (2008) como ações realizadas para enfrentar as circunstâncias do cotidiano, sem a possibilidade de um pensamento estratégico, sem uma visão ampla dessas circunstâncias e sem um espaço próprio



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de ação, o que só é permitido aos que têm o poder hegemônico sobre este espaço.

Percebemos, assim, um forte sentimento de resistência cultural por parte do grupo cultural de mulheres que se envolvem com danças e cânticos da/na comunidade. Compreendemos, portanto, que as mulheres idosas quilombolas, envolvidas na pesquisa, inventam o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando, silenciosamente, a essa conformação (CERTEAU, 2008). Essa invenção do cotidiano se dá ao que o pesquisador chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma re/apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

Considerações finais

Neste trabalho apresentamos uma experiência vivenciada quilombo do Oiteiro Penedo/Alagoas, como recorte apresentamos as narrativas das mulheres idosas quilombolas que participaram da pesquisa Contos Causos e Histórias do Oiteiro, a escolha por essas mulheres deve-se ao fato de compreendermos que essas idosas são presenças de resistência e preservação da cultura na comunidade. Essas mulheres resistem ao silenciamento expondo seus saberes através dos seus cantares, danças

e histórias contadas. Entendemos a relevância de suas presenças como possibilidade de resistência e de se preservar a cultura na comunidade.

Compreendemos também, que essas mulheres resistem ao silenciamento expondo seus saberes. Entre os aspectos da tradição e cultura na comunidade do Oiteiro, destacamos as músicas, contos, causos, lendas urbanas, histórias de trancoso, entre outros. Trata-se, então, de uma coletânea de informações, passadas de geração em geração, como valiosas ferramentas para garantir a identidade desses sujeitos.

Referências

- ALVES, Nilda. **Sobre redes de conhecimento e currículo em rede**. Revista de Educação da AEC. Brasília, v. 31, n. 122, p. 94-107, jan./mar.2002.7
- BRASIL. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília: Ipea, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Sobre educação: diálogos** (Paulo Freire e Sérgio Guimarães). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate das relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. In.: Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal 10.639/03. MEC: SECAD, 2005.

IBIAPINA, I. M^a L. de M. **Pesquisa Colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro editora, 2008.

LIMA, Elvira Souza. A função antropológica do ensino. **Nova Escola**, a revista do professor, São Paulo: abril, n138, p. 9-11, dez 2000.

MOURA, Glória. Proposta Pedagógica: Educação Quilombola. **SEED**, p. 3-8, 2007.

MUNANGA, K. Apresentação. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SACRISTAN. Gimeno, **A educação obrigatória:** Seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

QUIRINO, D.R. **Cotidiano e violência simbólica:** a desconstrução do preconceito étnicorracial nas escolas / Daisy Rodrigues Quirino – Recife: Ed. Universitária UFPE, 2014. 175p.: il. – (Coleção Étno-racial).

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância Religiosa**. Impactos do neopencostalismo no campo religioso afro- brasileiros SP.: Edusp, 2007.

TAVARES, M, A. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista:** Informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.